

O ESPAÇO DE REZAR NA CASA RURAL DO RECÔNCAVO BAIANO

O trabalho analisa, a partir de um inventário dos bens imóveis do Recôncavo, os diversos tipos de espaços destinados à oração, existentes em sedes de fazendas e engenhos. Exigência de uma religiosidade herdada dos portugueses, os espaços passaram por transformações no decorrer dos séculos, interferindo muitas vezes no partido da casa, conforme demonstra o estudo.

Introdução

O Brasil é considerado o maior país católico do mundo. No entanto, não se pode dizer que o catolicismo praticado pelos brasileiros esteja à altura do que Roma exige, pois a maioria dos católicos brasileiros constitui o que se denomina de “não praticantes”, comparecendo à igreja apenas nos casos de batizados, casamentos e em missas especiais.

Por outro lado, não se pode dizer que o brasileiro não seja religioso. É bastante conhecido o dito popular “muita reza e pouca missa, muito santo e pouco padre”, o que leva a entender que, apesar da pouca presença na igreja, o brasileiro tem o hábito da prática de orações, realizado no interior da casa. No meio rural, esse hábito ainda é bastante praticado, sendo que foi comum, no passado, a existência de um local próprio para as orações nas sedes das propriedades. Como surgiu essa tradição?

Sabe-se, que quando foi iniciada a colonização do Brasil, o catolicismo tinha uma presença muito forte na sociedade portuguesa. Por outro lado, de acordo com Azzi (2001, v.I, p.49), a crença católica, em Portugal, era passada de geração em geração, numa catequese do tipo familiar (religião doméstica), em que a fé era transmitida “através de episódios da história sagrada adaptados para transmitir valores morais, de fatos históricos ou lendários da vida dos santos, onde se evidenciava o seu poder de intercessão junto de Deus”. Essa religiosidade, que tem como principal elemento o culto aos santos e a Nossa Senhora, na colônia, por uma série de circunstâncias¹, teve um desenvolvimento superior ao da metrópole, inclusive no que se refere à sua manifestação no espaço físico da casa, tanto urbana quanto rural, que é a presença do local próprio para a oração. Pressupondo-se que a devoção aos santos e a Nossa Senhora reapareceu no Brasil com maior força do que em Portugal, de que maneira a arquitetura da casa brasileira, especialmente a rural, proporcionou os espaços adequados para a realização dessa religiosidade?

O objetivo deste estudo é, a partir do Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia – IPAC-Ba², identificar, nos 55 edifícios rurais do Recôncavo baiano cadastrados pelo IPAC, os diversos tipos de espaços destinados a oração, entre os séculos XVI e XIX.

A escolha do Recôncavo como área de análise deve-se ao fato de ali concentrar-se um maior número de capelas, além de ter sido o local onde se concentrou o início da colonização no estado da Bahia, com suas conseqüências iniciais.

Ali o colono teve seu primeiro impacto com uma terra totalmente estranha, e a sua religiosidade pessoal teve papel importante.

O espaço de rezar Arquitetura religiosa no Recôncavo baiano

Com exceção das primeiras igrejas levantadas no século XVI, nas quais se utilizaram materiais precários na construção³, o que se constata é que a arquitetura religiosa na colônia, sempre teve especial atenção.

... no Brasil, até a segunda metade do século XVIII, a arte foi quase que exclusivamente religiosa. A igreja é, portanto, o lugar para o qual convergem as aspirações de transcendência, buscadas pelas almas ainda primitivas deste período 'colonial' e os próprios espetáculos são, na maioria das vezes representações religiosas, como no caso dos mistérios da Idade Média. (BAZIN, 1983, p.11)

Segundo Fonseca (1960), quase todas as igrejas da cidade do Salvador, assim como aquelas da orla marítima da Baía de Todos os Santos, surgiram ainda no século XVI, o século dos engenhos de açúcar, com suas capelas “bem consertadas, frescas e formosas”.

Como se sabe, veio de Portugal a grande influência na cultura brasileira. Assim é que as igrejas e ermidas, na colônia, obedecem, na sua maioria, nos primeiros tempos da colonização, a um partido arquitetônico que está presente também nas construções religiosas daquele país. Nesse sentido, a igreja de nave única⁴ foi a que predominou no período colonial. Desde as mais simples dos séculos XVI e XVII, às mais complexas, construídas no século XVIII.

Assim como aconteceu com a arquitetura civil, que passa por uma adaptação natural em função dos materiais e do clima brasileiro, o mesmo acontece com a religiosa.

Vem a Arquitetura para o Brasil trazendo os ditames do barroco que se inicia na Europa, mas aqui em pleno país novo, com a ajuda dos materiais e as novas idéias e costumes da terra, cria, podemos dizer, uma expressão própria que é característica em quase todos os monumentos religiosos do país. Não se transplanta servilmente em nosso clima, nem se transporta como uma cópia aos monumentos europeus, mas se aclimata, tirando do novo ambiente os elementos próprios que vêm a constituir as características da Arquitetura no Brasil. (FONSECA, op.cit., p. 47)

Conforme Smith (1954, p.23), as plantas das igrejas coloniais da Bahia, como as do resto do Brasil, “são notavelmente homogêneas”. O autor propõe, para o estudo da Arquitetura Religiosa no período colonial no Brasil, a seguinte cronologia: “o Estilo Missionário (1549 – cerca de 1655); o Estilo Monumental (cerca de 1655 – cerca de 1760); o Estilo Mundano (cerca de 1760 – 1820)”, a respeito dos quais não se entrará em detalhes, por não ser o objeto principal deste estudo.⁵

O espaço de rezar doméstico

Os primeiros seguidores de Cristo fundaram uma Igreja que, apesar de ter um poder que muitas vezes competia com o das autoridades civis, sempre teve

dificuldades de “controlar o seu rebanho”. Assim, no Brasil, a religião patriarcal teve grande importância nos primeiros séculos de colonização, e é exaltada por Gilberto Freyre (2002, p.260), quando afirma: “... a igreja que age na formação brasileira, articulando-a, não é a catedral como seu bispo [...]; nem a igreja isolada e só, ou de mosteiro ou a abadia [...]. É a capela de engenho”. A capela da casa-grande e, mais tarde, a do sobrado urbano, representou, no período colonial, a força da religiosidade no Brasil e foi um dos símbolos do patriarcalismo.

Por outro lado, fazendo referência ao aspecto físico do edifício, diz ainda Freyre: “No fim de contas as igrejas [as capelas] é que tem sobrevivido às casas-grandes” (Op.cit., p.50). Essa sobrevivência de muitas capelas, tendo já desaparecido a casa-grande pode ser explicada, não só pelo melhor tratamento construtivo e decorativo que receberam em relação a arquitetura civil, como também pelo uso social continuado, tanto pela população dos engenhos, como pela vizinhança. Nas capelas, eram celebrados casamento, batizado, primeira comunhão, além de servirem de cemitérios para aos membros da família da casa-grande. Ao lado das funções religiosas, era também ponto de convívio social⁶.

Alguns exemplos de capelas que sobreviveram



Fig. 1 - Capela de N. Sra. da Conceição (17-I) Engenho S.Domingos-Cachoeira Fonte: IPAC-Ba, v. III, p.127



Fig. 2 - Capela de Santo Antonio (18-M) Engenho Mataripe-S.F. do Conde Fonte: IPAC-Ba, v. II, p.181

No sistema construtivo utilizado, a pedra está presente em todas as capelas. Esse fato, assim como o uso continuado em algumas das antigas capelas de engenho (que hoje integram a área urbana de algumas cidades do Recôncavo), propiciou a sobrevivência dessas edificações. Por outro lado, todas elas são de um período (séculos XVII e XVIII) em que três fatores principais eram “motivações” para que se investisse na construção de uma capela de engenho: a necessidade de espaços para os cultos litúrgicos, em decorrência da falta de igrejas nas proximidades; a demonstração, aos olhos da Inquisição, que havia interesse pelas coisas da Igreja; e, finalmente, referindo-se agora ao século XVIII, por ser um período em que houve um maior investimento por parte dos senhores de engenho nas suas residências.⁷



Fig.3 - Capela de N. Sra. do Desterro (18M Engenho Velho-Santo Amaro) Fonte: IPAC-Ba, v. II, p.133



Fig.4 - Capela de N. Sra. do Vencimento (18M Engenho Paramirim-S.F. do Conde) Fonte: IPAC-Ba, v. II, p.195

Desde o modesto oratório situado no interior da casa-grande, que era um simples lugar de oração muito íntimo e reservado, até a capela externa, afastada da casa, com campanário, nave e capela-mor, há, para os espaços de rezar, disposições e arranjos diversos, como será visto adiante.

Tabela 1. Presença da capela na casa rural do Recôncavo (Ver relação no anexo I)

Período (século)	Uso n/excl ⁸ .	Capela								Total		%
		Interna		Ab.p/var.		Anexa		Indep.		Capela	Casa	
		%	%	%	%	%	%					
17	-	-	-	-	-	01	50	01	50	02	02	100%
18	-	01	12,5	-	-	01	12,5	06	75	08	08	100%
19	05	07	27	02	8	01	4	11	42	26	45	58%
Totais	05	08		02		03		18		36	55	65%

Fonte: IPAC-Ba, vols. II e III.

Esta tabela mostra que, nos séculos XVII e XVIII, 100% dos edifícios pesquisados possuíam capelas, o que, apesar de não se referir a todos os monumentos existentes, demonstra que, nos primeiros séculos, a capela era um elemento essencial na moradia rural. Ela mostra também que o percentual de capelas independentes, nesse período, é bem mais expressivo (50% e 75% respectivamente), decaindo,

porém, no século XIX, para 42%. Por outro lado, o baixo percentual (58%) de casas com capelas, nesse século, é uma informação que deve ser vista com cuidado, pois, é de se pressupor que esse percentual fosse, na realidade, mais elevado, sendo compensado com o aumento das capelas internas, que, na maioria dos casos, eram pequenos altares ou oratórios, muitos deles já desaparecidos e não incluídos, portanto, na pesquisa.

Pode-se afirmar, ainda, que os diversos tipos de capela conviveram em todos os séculos: nos dois primeiros séculos de colonização, houve uma preferência pela capela independente, porém de menor porte; no século XVIII, essa preferência continua, porém, elas “tentam competir com as matrizes e incorporam destas galerias ou corredores laterais, superpostos por tribunas” (IPAC, 1982, v. II, p.15), configurando-se, dessa forma, em igrejas de grande porte; e, no século XIX, a preferência é pelas capelas internas, e as que continuam a ser construídas independentemente da casa voltam a diminuir de porte.⁹

A capela independente

Em decorrência da inexistência de casas rurais do século XVI, a pesquisa realizada pelo IPAC mostra a presença de capelas no Recôncavo somente a partir do século XVII, conforme se indica na Tabela 1. No entanto, segundo descrição de Gabriel Soares, já no final do século XVI, elas estavam presentes na maioria dos engenhos da região. Nesse sentido,

Varnhagem, commentando a excellente descripção do reconcavo da Bahia de Gabriel Soares, accentúa que em 1587 ella possuia já 36 engenhos, que exportavam por anno 120 mil arrobas de assucar, 62 igrejas, entrando 13 freguezias, 3 conventos e 1.400 barcos de remos.

Na descripção do Reconcavo já deve ter notado o leitor que *raro era o engenho que não tinha ao lado sua capella* (grifo nosso) e ainda hoje é uma das notas pittorescas da Bahia, para quem a percorre por mar, ver as paredes e fachadas destas construcções religiosas alvejando em quase todos os pontos elevados. (Soares, apud ACCIOLI, 1919, v. I, p.444).

“Raro era o engenho que não tinha ao lado sua capella”. Esta afirmação, com certeza, deve referir-se à capela independente, construída ao lado da casa-grande, pois é muito provável que, nas demais, existisse uma capela interna, ou pelo menos um oratório para as orações diárias dos primeiros colonos.

A presença da capela independente, principalmente nos séculos XVII e XVIII, era um fator muito forte de exteriorização da fé católica, aos olhos da inquisição, o que pode explicar, em parte, os números da Tabela apresentada. Por outro lado, para os que praticavam a fé, a construção das capelas, nesse período, era uma necessidade, em virtude sua permanência nos engenhos a maior parte do ano, necessitando, assim, de espaços para o cumprimento de suas devoções religiosas no dia a dia. No século XIX, com uma maior vivência urbana¹⁰, onde a presença de igrejas era significativa, e com a extinção da necessidade de uma manifestação obrigatória da fé, os “estímulos” para a construção de edifícios separados foram desaparecendo, o que se refletiu na importância dada ao “lugar dos santos” na casa.

As capelas independentes, por estarem separadas da casa-grande, não interferem no seu partido e sim na sua ambiência, formando, muitas vezes, conjuntos interessantes, a exemplo das ilustrações a seguir.



Figura 5 - Engenho Lagoa, em São Sebastião do Passé (18-F, a casa).
Fonte: IPAC-Ba, v. II, p.213 e 215

Esse conjunto está implantado sobre uma elevação, de onde se dominavam as antigas dependências do engenho e os canaviais, estes últimos substituídos por pastos de gado. A capela é dedicada ao Espírito Santo e data provavelmente do final do século XVII ou início do XVIII. Apresentando nave única, a capela possuía um alpendre que envolve os três lados da nave, hoje reduzido a galerias laterais. A abertura da capela-

mor para a sacristia direita, um grande vão guarnecido por treliças de madeira, é uma disposição comum nas capelas de engenho do Recôncavo e estava ligada ao sistema de segregação da mulher em uma sociedade patriarcal.¹¹ (IPAC, 1982, v. II, p. 213 e 215).



Figura 6 - Fazenda N. Sra. da Penha, em Vera Cruz. Fonte: IPAC-Ba, v. II, p.265

A ilustração a seguir é de uma antiga sede de fazenda dos Jesuítas, da qual sobreviveu apenas a capela, que é do final do século XVII. Da primitiva sede nada restou, sendo que a atual deve datar do início do século XIX. A capela, originalmente com nave única, capela-mor, corredor lateral e sacristia, mantém algumas características das primeiras construções da Cia. de Jesus, a exemplo da rosácea na fachada principal. (IPAC, op. cit., p. 265)

As capelas independentes podem se apresentar ainda em exemplares raros como o ilustrado a seguir:

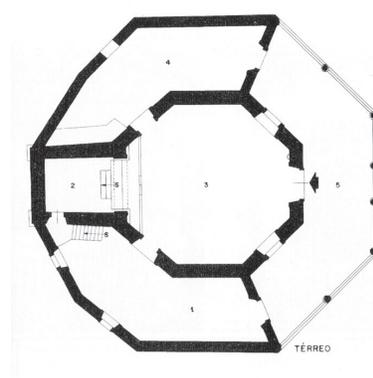


Figura 7 - Capela do Sr. Bom Jesus de Bouças (Engenho D'Água) - S. Francisco do Conde
Fonte: IPAC-Ba, v. II, p.185

Esta interessante capela, construída na segunda metade do século XVII, é um dos monumentos mais importantes da Bahia. Sua planta octogonal, de influência renascentista, possui poucos exemplos no Brasil (IPAC, op.cit., p,185).

Esta pequena e rara capela de nave quadrada, de meados do século XVII, apresenta também influência renascentista. Considerado exemplar único no Brasil, tem o seu interior totalmente revestido de azulejos e cúpulas de perfil rebaixado que recobrem a nave e a capela mor (IPAC, 1982, v.III, p.121).

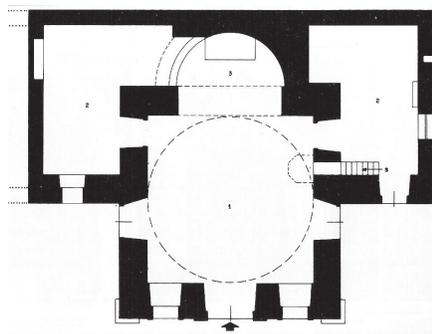


Figura 8 - Capela de N. Sra. da Penha, situada no Engenho Velho, em Cachoeira
Fonte: IPAC-Ba, v. III, p.121

A capela anexa ao corpo da casa

As capelas anexas – construídas junto à casa – interferem na sua volumetria, mas, por outro lado, apresentam duas grandes vantagens: mantêm a privacidade da residência, ao tempo em que permitem que se tenha um acesso direto ao seu interior, ou que, sem sair da casa-grande, assista-se aos cultos litúrgicos ali realizados. Desse modo, resolvia-se a preocupação que havia por parte dos habitantes da cidade em “misturarem” suas filhas com os demais freqüentadores do templo, uma das exigências da sociedade patriarcal. No meio rural, esses “freqüentadores” eram, na maioria, os escravos do engenho, que, através do sincretismo, integraram-se ao catolicismo.

O IPAC-Ba mostra que, na região do Recôncavo baiano, sobreviveram apenas três exemplos de monumentos com capela anexa (pelo menos no que se refere a monumentos de interesse cultural). São eles: Casa da Torre de Garcia D’Ávila, em Mata de São João (século 17); Casa do Engenho Freguesia, em Candeias (século 18) e Sobrado do Engenho Vitória, em Cachoeira (século 19). Como se percebe, apesar dos poucos exemplos encontrados e mostrados a seguir, a capela anexa também foi utilizada em todos os séculos estudados, com exceção do século 16, sobre o qual não se tem condições de informar, por já não mais existirem exemplos.

Casa da Torre

Situada a cavaleiro, de onde se tem uma privilegiada visão de grande área da costa, esse excepcional edifício, é “A residência particular mais monumental do seu tempo de que se tem memória nas Américas” (Smith, apud AZEVEDO, 1982, p. 89). Sua capela, anexa ao corpo da casa, impõe-se pelo seu volume e forma, no partido arquitetônico. Analisando a planta do edifício, percebe-se ser improvável, que da residência se pudesse assistir aos cultos

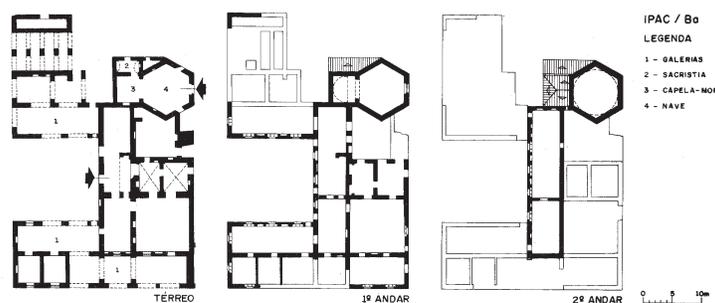


Figura 9-Casa da Torre de Garcia d’Ávila e capela anexa (N. Senhora da Conceição)
Fonte: IPAC-Ba, v. II, p.89

ministrados na capela (uma possibilidade que as capelas anexas ofereciam), o que pode ser explicado pelo período em que a ela foi construída. No início do século 17, certamente, a freqüência à capela era restrita aos portugueses e a seus descendentes, pois o negro ainda não estava completamente integrado à religião católica.

Engenho Freguesia

De localização privilegiada, à margem da Baía de Todos os Santos e em frente à Ilha de Maré, essa antiga casa-grande de engenho foi construída em meados do século XVIII. Apresenta capela anexa com corredores laterais e tribunas, com porte de igreja matriz, a exemplo do que ocorreu com várias capelas de engenho do Recôncavo, conforme já visto anteriormente. Neste exemplo, pode-se observar que, tanto do 1º andar como do 2º, tinha-se acesso e visão diretamente para a capela, sem ter necessidade de estar na nave principal (nº 7).

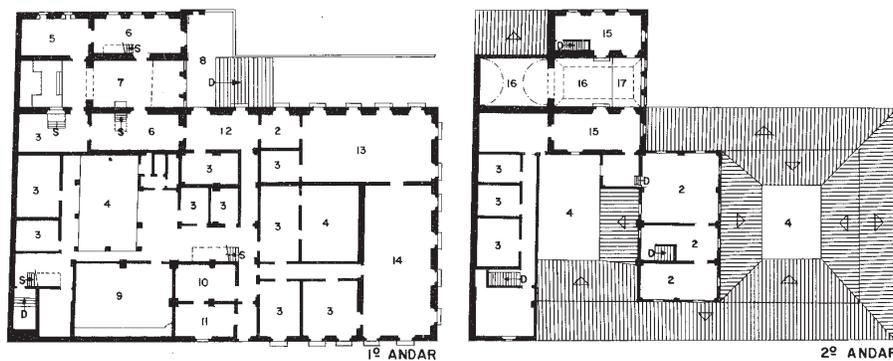


Figura 10 - Engenho Freguesia, em Candeias (Séc. 18). Fonte: IPAC-Ba, v. II, p.31

Engenho Vitória

Apesar de não interferir na volumetria do edifício, pela posição que ocupa no conjunto, essa capela foi considerada como anexa ao edifício. Num sobrado de três pavimentos, a capela situa-se no térreo, destinado às atividades complementares, ao fabrico do açúcar, cuja fábrica situava-se ao lado da casa-grande. Desse modo, o acesso de pessoas estranhas à capela podia ser feito preservando-se a intimidade da família, cujos aposentos situavam-se nos andares superiores.

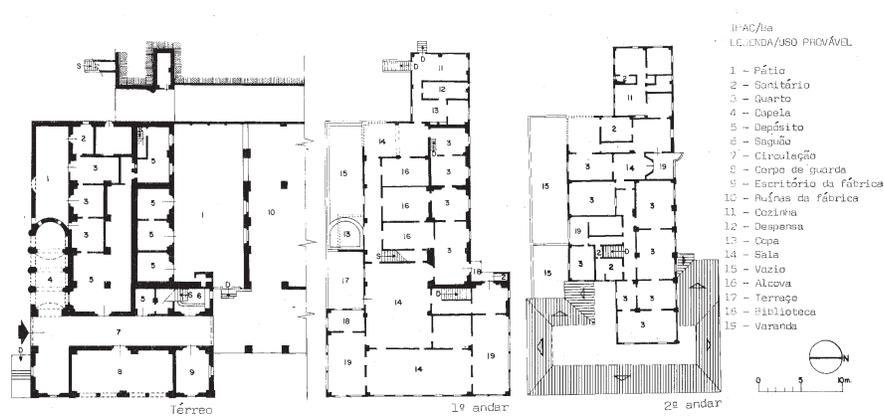


Figura 11 - Sobrado do Engenho Vitória, em Cachoeira (Séc. 19). Fonte: IPAC-Ba, v. III, p.117

Capela que se abre para o alpendre

Um outro tipo bastante interessante também é o da capela que se abre para a varanda da casa. Nessa posição, ela pode ser utilizada tanto pelos proprietários, como pelos agregados.

Esta disposição exprime já uma finalidade mais ampla do que a da capela localizada mais internamente no edifício, facultando assim aos empregados de fora, isto é, àqueles que não compartilhavam da intimidade da casa-grande, a assistência aos diferentes atos religiosos que porventura ali se realizavam. A capela ficava assim como um elemento indispensável de ligação entre patrões e trabalhadores, e continuava sendo ainda uma parte integrante da casa, com ela se comunicando sob o mesmo teto. (CARDOSO, 1975, p.35)

Infelizmente só foi encontrado um exemplo no Recôncavo (o do Engenho Europa), localizado no município de Teodoro Sampaio, uma casa de meados do século 19, reformada no início do 20. Existia um outro exemplo desse tipo, a Casa do Engenho Caeté, no município de Terra Nova, porém a capela foi eliminada (IPAC, 1982, v. II, p. 237 e 251).

Esta casa, que apresenta planta quadrada e simétrica, é o único exemplar no Recôncavo. Trata-se de um exemplo bastante semelhante à casa bandeirista do início do século XVIII, cuja característica principal é a faixa anterior, onde a capela (11) e o quarto de hóspedes (9) ladeiam o alpendre (10).¹²

Como se vê, a exemplo da capela anexa ao corpo da casa, a capela voltada para o alpendre amplia o seu espaço ao público, permitindo o uso aos escravos, ao tempo em que mantém a privacidade da família.

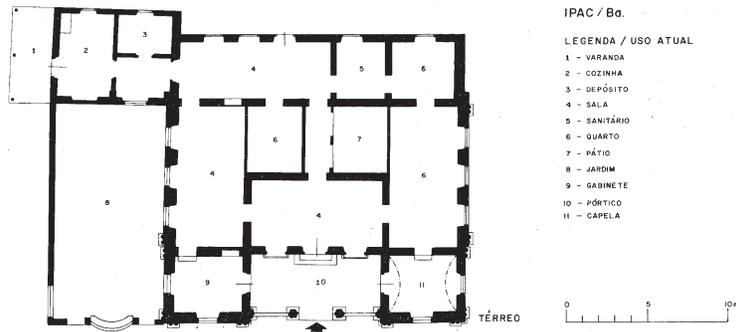


Figura 12 - Casa do Engenho Europa, em Teodoro Sampaio (19-M). Fonte: IPAC-Ba, v. II, p.237

Capela interna

Por fim, falta fazer referência às capelas internas, as quais, na pesquisa do IPAC-Ba, só aparecem a partir do século 18, com apenas um exemplo (vide Tabela 1). Isso não quer dizer, como já foi afirmado, que elas não fossem utilizadas nos séculos anteriores. Em primeiro lugar, pelo fato de que poucos imóveis daqueles séculos chegaram até nós, e, em segundo, por se tratar de pequenos altares ou mesmo oratórios que facilmente desapareceram. Por outro lado, nas casas-grandes ou de fazendas, havia “quase sempre uma capela particular destinada aos familiares e, outra, no exterior, para as festas e solenidades de uso geral” (Campiglia, s/d., p.357).

Foram encontrados, nas casas, basicamente, dois tipos de capelas internas: no primeiro deles, a capela utiliza um espaço próprio, interferindo no partido do edifício, principalmente no que se refere à sua localização e acesso. Aí existem duas opções: ou está voltada para uma área mais íntima da casa (com acesso restrito aos familiares), ou pode ser acessada através do saguão, ou da sala de visitas.

Exemplificando essa segunda opção, tem-se a capela da casa-grande do Engenho Matoim, no município de Candeias.

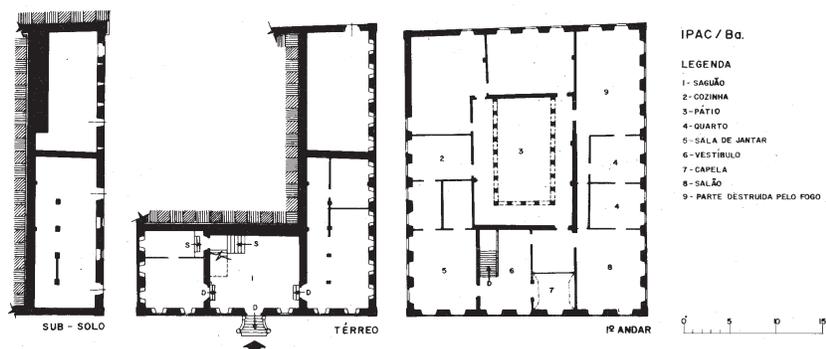


Figura 13 - Casa do Engenho Matoim, em Candeias (18-I). Fonte: IPAC-Ba, v. II, p.171

Este interessante exemplar de casa com pátio interno, construída no início do século XVIII, é um dos poucos edifícios do período a não apresentar uma capela independente. Possui, entretanto, uma pequena capela interna (7), voltada para a área social da casa, o que permite sua utilização por pessoas estranhas à família.

Existem casas, também, em que a capela, hoje em local exclusivo, utiliza um cômodo da casa, como é o caso dos denominados “quarto do santo”, a exemplo da casa da fazenda São João, em Santo Amaro.

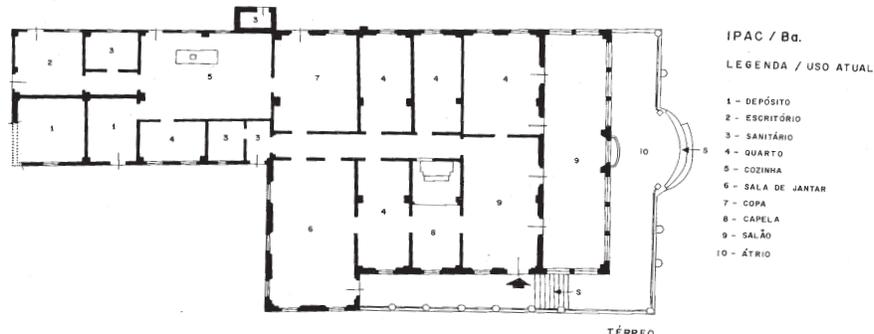


Figura 14 - Casa da Fazenda São João, em Santo Amaro (19-F). Fonte:IPAC-Ba, v.II, p.149

Esta casa, do final do século XIX, apresenta o que se denomina de planta com três faixas de uso; a faixa de dormitório é ladeada pelas salas sociais, na frente, e pela sala de jantar ou alpendre voltados para o quintal. Nesse exemplo, um dos dormitórios foi transformado em capela (8), cujo acesso é também, nesse caso, é possibilitado às visitas, através de uma das salas (9).

O segundo tipo de capela interna situa-se em local não exclusivo, ou seja, dividindo o seu uso com outro compartimento da casa. Nessas condições, a maioria localiza-se na sala, permitindo também que pessoas alheias à família, participem dos momentos litúrgicos. Seria uma solução intermediária entre o oratório situado em um cômodo mais íntimo, em que apenas a família tem acesso, e a solução apresentada anteriormente, na varanda. Essa solução pouco interfere no partido da casa-grande, pois quando muito, necessita apenas de um espaço para a introdução de um altar embutido.

Vários são os exemplos no Recôncavo, principalmente de edifícios construídos no século XIX, onde a capela independente não era tão premente como nos anteriores. Como se pode observar no exemplo acima, o altar, do tipo “armário embutido”, está voltado para a área social da habitação, o que permitia que, nas orações diárias, participassem, além das visitas, os escravos mais chegados à família.

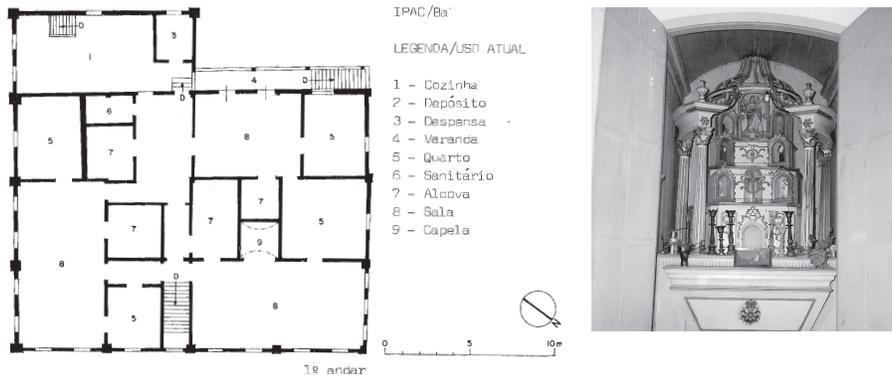


Figura 15 - Capela da Fazenda Boa Esperança, em Conceição do Almeida (19-M). Fonte: IPAC-Ba, v. III, p.151

Oratório

“Todas as alegrias e tristezas eram relatadas entre preces aos bentos simulacros bem guardados em um nicho de madeira forte, torneado e envernizado, com três faces de vidro”. Assim se refere Hildegardes Viana (1979, p.19) ao oratório que funcionava como uma espécie de relicário, onde, além das imagens do Cristo, de Nossa Senhora e dos Santos prediletos, eventualmente eram conservadas relíquias “verdadeiras”, ou mesmo alguns “talismãs” aceitos ou tolerados pela Igreja, sem falar nos escapulários, bentinhos e livrinhos de orações e ladainhas. (MOTT, 1997, p.167)

Os oratórios, de todos os tipos e tamanhos, juntamente com os rosários, crucifixos e imagens de santos, encontravam-se sempre presentes nos inventários de homens e mulheres devotos, conservando-se, dessa forma, através de gerações. Decorando vários ambientes da casa, podiam ser encontrados tanto na sala como no cômodo mais íntimo, que era o quarto do casal. Na cidade, principalmente, também serviram ao gosto da aristocracia baiana, pela aparente opulência, tendo assim um aspecto de “vitrine” da riqueza da família.

Capelas e oratórios, pode-se dizer, eram elementos que valorizavam a casa ou o sobrado urbano, na hora da venda ou do aluguel, o que pode



Fig.16 - Engenho Triunfo, em Amélia Rodrigues (19-F) Fonte: IPAC-Ba, v. II, p.21

ser comprovado através dos anúncios nos jornais brasileiros do século XIX. Segundo Gilberto Freyre, eram numerosos esses anúncios de imóveis com oratório “em tamanho suficiente para poder celebrar missa” (2003, p.240).

Considerações finais

A partir de uma análise na Tabela 1, observa-se que, a partir do XIX, a importância dada ao “lugar dos santos” diminuiu. Por que motivo?

No a pesquisa que deu origem a este artigo, procurou-se entender, também, de que maneira os principais acontecimentos vivenciados pela sociedade brasileira interferiram na religiosidade doméstica e, conseqüentemente, no espaço da casa a ela destinado. Verificou-se que, apesar das mudanças ocorridas no século XIX não terem interferido na religiosidade popular, a partir do final do XVIII, já não havia necessidade da exteriorização da fé católica – recurso utilizado por muitos, para fugir das garras da inquisição –, o que deve ter contribuído para um “menor cuidado” com o espaço de rezar.

Pode-se citar ainda, como motivo, os novos hábitos da sociedade no século XIX, que teve como conseqüência a transferência progressiva do senhor de engenho para a cidade, agora mais atraente em termos de lazer e conforto. Dessa forma, na cidade, a partir da segunda metade do século, as casas começaram a passar por transformações no sentido de se obterem melhores condições de salubridade, conforto e intimidade.

No meio rural, o que se observa é o surgimento de casas de menor porte, que substituíram as amplas e antigas casas nobres, muitas delas com pátios internos, dos séculos anteriores. Assim, diminui também “o cuidado” com o espaço de rezar na casa. A capela, quando independente, torna-se singela e aparece apenas em 11 dos 45 edifícios inventariados no século, o que corresponde apenas a 24%.

Finalmente, considerando que toda obra de arquitetura é o resultado das necessidades humanas, ou seja, é o reflexo dos costumes e da estrutura social do momento histórico em que se vive, este trabalho tencionou refletir sobre a maneira como brasileiro resolve as questões inerentes ao espaço de rezar, na sua casa rural, para responder às necessidades que cada época exigia. Nos exemplos vistos, fica clara essa preocupação, no momento em que a capela passa para o alpendre, permitindo, assim, o seu uso por um maior número de pessoas, ou quando a capela é construída anexa ao corpo da casa, possibilitando que as mulheres da família tivessem acesso sem ter de sair da residência, ou se misturar com os demais participantes. As capelas independentes, por outro lado, suprimam a falta



Fig.17 - Engenho Itatingui, em São Sebastião do Passe (19-F) Fonte: IPAC-Ba, v. II, p.221

de igrejas na área rural, principalmente nos dois primeiros séculos de colonização, quando o número de igrejas destinadas à população era insignificante.

Arquiteto, professor da Faculdade de Arquitetura da UFBA, Mestre em Conservação e Restauro pelo PPG-AU/FAUFBA. Defendeu sua Dissertação de Mestrado "O Espaço de Rezar: a religião doméstica católica na casa rural do Recôncavo Baiano – séculos XVI a XIX" em 2006, sendo orientado pela Profa. Eloísa Petti Pinheiro.

Anexo Nº I – Sedes de Engenho/Fazenda com Capela - recôncavo

Fonte: IPAC-Ba, vol. II e III

Nº	Monumento	Município	Tipo capela	Porte
01	Casa da Torre de Garcia D'Ávila	Mata de São João	Anexa	
02	Sobrado de João Adorno	Cachoeira	Independente	Pequeno

Edifícios do século 17

Nº	Monumento	Município	Tipo capela	Porte
01	Casa do Engenho Matoim	Candeias	Interna	Uso excl.
02	Casa do Engenho Freguesia	Candeias	Anexa	
03	Casa do Engenho Caboto	Candeias	Independente	Desap.
04	Casa do Engenho Pindoba	Candeias	Independente	Médio
05	Engenho Passagem dos Teixeiras	Candeias	Independente	Grande
06	Casa do Engenho de São Roque	Maragogipe	Indep.(17/18)	Grande
07	Casa do Eng.São Miguel e Almas	S.Franc. do Conde	Independente	Desap.
08	Sobrado do Engenho Lagoa	S.Sebastião Passé	Independente	Médio

Edifícios do século 18

	Monumento	Município	Tipo de capela	Porte
01	Sobrado do Engenho Embiara	Cachoeira	Int. e indep.	Desaparecidas
02	Casa do Engenho Cabonha	Cachoeira	Independente	Pequeno
03	Sobrado do Engenho Campina	Cachoeira	Independente	Pequeno-sec.18
04	Sobrado do Engenho Vitória	Cachoeira	Anexa	
05	Sobrado do Engenho Velho	Cachoeira	Independente	Pequeno-séc.17
06	Casa do Engenho São João	Candeias	Independente	Desaparecida
07	Casa do Engenho da Mata	Mata de São João	Independente	Pequeno
08	Casa do Engenho D'Água	S.Francisco do Conde	Independente	Médio-séc.17
09	Sobrado da Faz.N.Sra.da Penha	Vera Cruz	Independente	Grande-séc.17
10	Casa do Engenho Mocambo	Catu	Independente	Desaparecida
11	Sobrado do Engenho Pouco Ponto	S.Sebastião do Passé	Independente	Médio
12	Engenho S. Antonio Rio Fundo	Terra Nova	Independente	Médio-séc.18
13	Sobrado do Engenho Embiara	Cachoeira	Interna	Desaparecida
14	Sobrado da Fazenda Boa Esperança	Conceição do Almeida	Interna	Local exclusivo
15	Casa da Fazenda Mombaça	Conceição do Almeida	Interna	Local exclusivo
16	Casa do Engenho Europa	Teodoro Sampaio	Na varanda	
17	Casa da Fazenda Vargem Grande	Santo Antonio de Jesus	Interna	Local exclusivo
18	Casa da Fazenda São João	Santo Amaro	Interna	Local exclusivo
19	Casa do Engenho Itatingui	S.Sebastião do Passé	Interna	Local exclusivo
20	Casa do Engenho Pimentel	S.Sebastião do Passé	Interna	Local exclusivo
21	Casa do Engenho Caeté	Terra Nova	Na varanda	
22	Sobrado do Engenho Caraípe	São Felipe	Interna	Uso n/exclusivo
23	Sobrado do Engenho Cajába	S.Francisco do Conde	Interna	Uso n/exclusivo
24	Sobrado do Engenho Madruga	S.Francisco do Conde	Interna	Uso n/exclusivo
25	Casa do Engenho Triunfo	Amélia Rodrigues	Interna	Uso n/exclusivo
26	Casa do Engenho Api	Catu	Interna	Uso n/exclusivo

Edifícios do século 19

Notas

- ¹ A principal delas foi a ausência de padres, o que propiciou uma religiosidade fora de controle da igreja hierárquica oficial. Para maiores detalhes, ver o item 1.2, da dissertação de mestrado na qual se baseia este artigo.
- ² Realizado pelo Governo do Estado da Bahia e coordenado pelo arquiteto Paulo Ormindo D. de Azevedo, o projeto compreende um cadastro dos bens culturais imóveis do Estado. Integram o inventário 7 volumes, onde estão cadastrados 1081 edifícios de interesse cultural, referentes à arquitetura religiosa, civil de função pública e privada, militar e agrícola.
- ³ Como na arquitetura civil, nas primeiras igrejas edificadas na Bahia, foi utilizada a técnica do pau-a-pique, já conhecida pelos portugueses. A igreja da Ajuda, por exemplo, era de taipa e coberta de folhas de palmeira, o que fez com que ficasse conhecida como "Sé de Palha".
- ⁴ "A nave única, solução ao gosto do barroco, tem sua origem nos tempos mais remotos da cristandade, quando ainda não contavam os cristãos com estruturas independentes, na 'Domus Ecclesiae'. O culto religioso se fazia num cômodo da casa domiciliar, construído especialmente para isso, com acesso independente, mas pertencendo ao conjunto geral da casa" (FONSECA, 1960, p.81).
- ⁵ Para maiores detalhes, ver: Smith, 1954; Fonseca, 1960; Bazin, 1983; Costa, 1978.
- ⁶ Na cidade, a capela tinha também uma outra função: "Os mais esnobes, e elitistas [...], construíam seus próprios locais de culto – capelas, ermidas e até igrejas, no interior ou anexas às suas moradias, evitando assim o indesejado convívio com os fiéis de outras raças ou de estratos inferiores." (MOTT, 2004, p.161).
- ⁷ Ver AZEVEDO, E., 1990.
- ⁸ Altar ou oratório situado em local de uso misto, especialmente na sala.
- ⁹ Ver anexo I.
- ¹⁰ A partir do final do século XVIII, há uma inversão do movimento colonizador, de retorno para o litoral, o que significou a transformação da cidade em morada permanente do senhor de engenho.

¹¹ “Um elemento muito típico das capelas de engenho do Recôncavo é a sala lateral à capela-mor, ligada à mesma por um janelão com rejas. Deste camarim, geralmente simétrico à sacristia, assistiam à missa, ser serem vistos, alguns membros da família-grande, especialmente as mulheres.” (IPAC-Ba, 1982, v. II, p.15).

¹² Ver SAIA, 1975.

Referências

- ACCIOLI, Ignacio. *Memórias Históricas e Políticas da Bahia*. Comentários de Braz do Amaral. Bahia: Imprensa Oficial do Estado, 1919/1937, 3v.
- AZEVEDO, Esterzilda Berenstein de. *Arquitetura do Açúcar – Engenhos do Recôncavo baiano no período colonial*. São Paulo: Nobel, 1990.
- AZEVEDO, Paulo O. David de. *Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia*. Salvador: Governo do Estado da Bahia, 1975 a 2002, 7v.
- AZZI, Riolando. *A Sé Primacial de Salvador. A Igreja Católica na Bahia (1551-2001). Período Colonial*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001, v.I.
- BAZIN, Germain. *A arquitetura religiosa barroca no Brasil – Estudo Histórico e Morfológico*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1983.
- CAMPIGLIA, G. Oscar Oswald. *Igrejas do Brasil: Fontes para a História da Igreja no Brasil*. São Paulo: Edições Melhoramentos, s/d.
- CARDOSO, Joaquim. Um tipo de casa rural do Distrito Federal e Estado do Rio. In: *Arquitetura Civil II*. São Paulo: FAU-USP; MEC-IPHAN, 1975.
- COSTA, Lúcio. A arquitetura dos Jesuítas no Brasil. In: *Arquitetura Religiosa*. São Paulo: FAUUSP; MEC-IPHAN, 1978.
- FONSECA, Fernando L. da. *Primórdios da Arquitetura Religiosa no Recôncavo Bahiano*. Salvador: Tese apresentada a Concurso para Docente Livre da Cadeira de Arquitetura no Brasil da FAUFBa, Salvador, 1960.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala: Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil – 1*. 46. ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2002. (1. ed. 1933)
- _____. *Sobrados e Mocambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento urbano*. 14. ed. rev. São Paulo: Global, 2003. (1. ed. 1936)
- MOTT, Luiz. Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu. In: SOUZA, Laura de Mello (org.). *História da Vida Privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. 8ª reimpressão. São Paulo: Cia. das Letras, 2004. (1. ed.1997)
- SAIA, Luis. Notas sobre a Arquitetura Rural Paulista do Segundo Século. In: *Arquitetura Civil I*. São Paulo: FAU-USP; MEC-SPHAN, 1975.
- SMITH, Robert C. As Artes na Bahia – I Parte – Arquitetura Colonial. In: VALLADARES, José (org.). *Evolução Histórica da Cidade do Salvador*. Salvador: Prefeitura Municipal, 1954. v. IV
- SOUZA, Gabriel Soares. *Tratado descritivo do Brasil, em 1587*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1971.
- VIANA, Hildegardes. *A Bahia já foi assim*. São Paulo: GRD, 1979

